



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 27 | 2010

Iconografia religiosa das invocações nacionais

São Vasco Martins ou Frei Vasco Martins? A iconografia do fundador dos Jerónimos portugueses, a propósito de uma pintura de Valdés Leal

São Vasco Martins or Frei Vasco Martins? The iconography of the founder of the Portuguese Hieronymites in a painting By Valdés Leal

Joaquim Oliveira Caetano



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/343>

DOI: 10.4000/cultura.343

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2010

Paginação: 57-61

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Joaquim Oliveira Caetano, « São Vasco Martins ou Frei Vasco Martins? A iconografia do fundador dos Jerónimos portugueses, a propósito de uma pintura de Valdés Leal », *Cultura* [Online], Vol. 27 | 2010, posto online no dia 01 julho 2013, consultado a 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/343> ; DOI : 10.4000/cultura.343

São Vasco Martins ou Frei Vasco Martins? A iconografia do fundador dos Jerónimos portugueses, a propósito de uma pintura de Valdés Leal

Joaquim Oliveira Caetano*

Em 1657 o pintor sevilhano Juan Valdés Leal recebeu o encargo de pintar uma série de painéis contendo a vida de São Jerónimo e alguns varões ilustres da ordem para a sacristia do Convento da Buenavista, nos arredores da cidade do Guadalquivir. Quem visitou por exemplo o Mosteiro de Guadalupe, onde permanece intacta a renovação da sacristia feita na primeira metade do século XVII por Zurbarán com um programa iconográfico similar, não pode ter dúvidas sobre a grandeza dos programas jeronimitas seiscentistas para o espaço da sacristia e ficará com uma ideia semelhante do que seria a sacristia decorada por Valdés Leal no convento de Sevilha, desmantelada após a desamortização de 1834.

Valdés Leal tinha 35 anos quando recebeu a empreitada, certamente o mais importante encargo que até aí tivera. Nascido em Maio de 1622, em Sevilha, filho do português Fernando de Nisa, natural de Torres Novas e de sua mulher a sevilhana Antónia de Baldés, aprendeu em Sevilha até ao início da década de 1640, mas não temos notícia segura do seu mestre, que talvez fosse António del Castillo. Sabemos sim que na segunda metade dessa década, por certo pela enorme concorrência do mercado sevilhano, se estabeleceu em Córdova, onde recebe as primeiras encomendas importantes. Só regressa definitivamente a Sevilha na altura da encomenda das pinturas da sacristia de São Jerónimo, que marcam o início da fase mais importante e reconhecida da sua carreira. Céan Bermudes, que ainda pôde ver a série *in situ* no final do século XVIII pôde atestar que era “do melhor que pintou”. Bermudes refere “seis ou oito quadros grandes da vida do santo fundador, e outros que representam veneráveis desta religião com figuras em tamanho natural”¹. O conjunto era, entre



Juan Valdés Leal, Vasco Martins

* Museu de Évora.

¹ Juan Agustín CEÁN BERMÚDEZ, *Diccionario Histórico de Los Más Ilustres Profesores de Las Bellas Artes en España*, Madrid, 1800, tomo V, p. 114 (ed. fac-similada com prólogo de Miguel Morán Turina, Madrid, ed. Istmo, 2001).

os dois ciclos de dezoito pinturas, das quais restam, no Museu de Bellas Artes de Sevilha, três grandes painéis da Vida de S. Jerónimo, e seis outros de representações de ilustres membros da ordem², incorporados após a extinção do convento dos arredores de Sevilha. Uma outra pintura do mesmo ciclo foi levada para Inglaterra e comprada em Londres em 1853 pela Gemäldehalerie de Dresden, onde ainda hoje se mostra ao público. É esta última pintura que aqui nos interessa, por ser a única, ao que sabemos, representação de Frei Vasco de Portugal, ou Fr. Vasco Martins, tradicionalmente entendido como o fundador dos Jerónimos Portugueses.

A pintura é sensivelmente do tamanho das outras da série, medindo 249 x 127,5 cm, resultando daí uma figura em tamanho natural. Vestido com o hábito jerónimo, Frei Vasco é representado a três quartos, de braços e mãos abertas, com o olhar elevado aos céus, de onde um raio de luz, caindo em oblíquo à direita, lhe ilumina o rosto. Mais de metade do fundo, deste lado, enquadrando a figura, é uma simples parede acinzentada, mas do lado oposto uma parte do fundo mostra outra cena. Num exterior conventual, Frei Vasco, de braços abertos, como se fosse colhido de outro ângulo na mesma posição da cena principal, dirige-se a um conjunto de três monges, enquanto uns pequenos diabos tocam as campanas. Na base, numa cartela de “cartuches”, semelhante às que encontramos noutras pinturas da série, inscreve-se o nome: M.I.V. Fr. Vasco de Portugal.

A cena secundária é esclarecida pelo capítulo V do Livro II da *História de la Orden de San Jerónimo*, um dos dois que o cronista Frei José de Siguenza dedica à vida de Frei Vasco. Escreve Siguenza que, estando Frei Vasco uma noite a dormir no convento que fundara em Córdoba, viu o Demónio numa visão espantosa e, levantando-se, refugiou-se na igreja onde melhor o poderia combater. Mesmo aí o diabo lhe apareceu em figura de símio e com macacarias e gestos o inquietou, dizendo mil sem-vergonhices, invectivando-o para que voltasse a Portugal, pois não era “nenhum Jerónimo nem nenhum António”, dando-se ao mesmo tempo como culpado por espalhar desavenças entre os monges, como as que tinham acontecido em Guadalupe, isto é, assume o demo a responsabilidade pelo cisma levado a cabo em Guadalupe pelo segundo Geral da Ordem em Espanha, D. Lope de Olmedo, fundador dos “Isidros”, que só por intervenção de Filipe II se voltariam a reu-

² As pinturas da Série de São Jerónimo são *Batismo de S. Jerónimo*, 220 x 225 cm (inv.º CE0185P); *Tentações de S. Jerónimo*, 224 x 247 cm (inv.º CE0183P); e *S. Jerónimo Açoitado por Dois Anjos*, 223,5 x 145,5 cm (inv.º CE0178P). Os painéis dos ilustres Jerónimos representam *Frei Fernando de Tavera*, 249 x 127 cm (inv.º CE0180P); *Frei Juan de Ledesma*, 249 x 129 cm (inv.º CE0182P); *Frei Fernando Yañez de Figueiroa*, 246 x 126 cm (inv.º CE0188P); *Frei Alonso Fernández Pecha*, 249 x 128 cm (inv.º CE0195P); *Frei Pedro de Cabañuelas*, 246 x 126 cm (inv.º CE0193P); e *Frei Pedro Fernández Pecha*, 243 x 126 cm (inv.º CE0189P).

nir aos Jerónimos quase século e meio depois³. Depreciando-o Frei Vasco, o Diabo correu sobre o dormitório dos monges, onde o Frade acorreu também a proteger os discípulos e, enquanto o Santo monge orava de braços no ar – diz a descrição, como a pintura: “levantou os seus braços ao céu, pedindo ao Senhor que guardasse os seus servos da raiva daquele lobo faminto” –, o demónio subiu ao sino que estava sobre o dormitório, pegado com a parede da igreja, e derrubou o sino sobre o telhado do dormitório. Acordados os monges em alvoroço, logo Fr. Vasco os sossegou dizendo que não era nada, senão um acidente com a campana que estava mal colocada, concluindo que era preciso não dar forças ao demónio, porque vencido em cada um o medo, vencido estava o diabo.⁴

A pintura segue muito fielmente a descrição do cronista, como aliás acontece em toda a série quer nos painéis relativos à vida do Santo quer nas representações dos ilustres varões da Ordem Jerónima e, de facto, os dois capítulos de Sigüenza sobre Frei Vasco suplantam em muito o que se pode saber por outras fontes, quer nas restantes crónicas, ou nos memorialistas portugueses, como Jorge Cardoso, por exemplo, parco em factos sobre a sua memória, quer pelos documentos directos sobre a sua vida, dois únicos, a escritura de compra da Quinta da Penhalonga, em que aparece referido como “Frei Vasco Martins, hermitã de pobre vida, natural de Leiria”, datada de 5 de Agosto de 1390⁵ e a tomada de posse do Convento Cordovês de Valparaíso, em 5 de Agosto de 1408.⁶ Para além destes dois conventos, terá fundado também o de São Jerónimo do Mato, próximo de Alenquer. Sigüenza viu no convento de Córdoba oitenta hinos dados à sua autoria, mas infelizmente publicou apenas três, e Jorge Cardoso, transcreveu duas cartas assinadas por “Vasco pobre morador em Pedralonga”. Estes poucos documentos, muito ajudados diga-se pelos registos das crónicas⁷, permitiram a Cândido dos Santos e sobretudo a José Adriano de Carvalho⁸

³ Lope de Olmedo foi eleito em 1418, e em 1424 viu autorizada uma nova congregação com a regra de “S. Jerónimo”. Fundou o convento de Santo Isidoro del Campo de Santiponce. Vd. Cândido dos Santos, *Os Jerónimos em Portugal. Das Origens aos fins do século XVII*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de História da Universidade do Porto, 1980, p. 4, n. 4.

⁴ José Sigüenza, *História de la Orden de San Jerónimo*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 2000, vol. I, pp. 250-251.

⁵ Escritura de compra da quinta da Penhalonga. AN/TT, Penha Longa, M. 1, n.º 10. Publicada por Cândido dos Santos, *op. cit.*, pp. 259-261.

⁶ Arquivo Histórico Nacional de Madrid, cod. 233B/8-10, referida por Josemaría Revuelta Somalo, *Los Jerónimos – Una orden religiosa nacida en Guadalajara*, Guadalajara, Institución Provincial de Cultura Marqués de Santillana, 1982, p. 260.

⁷ Além de Sigüenza, veja-se também Frei Pedro de la Veja, *Cronica de la Orden de Sant Hieronymo*, Alcalá de Henares, 1539.

⁸ José Adriano de F. Carvalho, *Nas Origens dos Jerónimos na Península Ibérica: Do Franciscanismo à Ordem de S. Jerónimo – O itinerário de Fr. Vasco de Portugal*, separata da “Revista da Faculdade de Letras do Porto, n.º 1, Porto, 1984.

situar a personalidade de Frei Vasco, do ponto de vista religioso e espiritual. Esta matriz permite considerar como válida a versão dos cronistas que dão a sua formação espiritual no círculo dos místicos franciscanos italianos de meados do século XIV, nomeadamente de Tommasuccio de Siena ou de Foligno (c. 1319-1377). Embora Adriano de Carvalho lhe recuse o papel de único mestre de Fr. Vasco, propondo a importância de outros Franciscanos como Fr. Pedro de Gualdo e Fr. Pedro de Regali e, de qualquer forma, a derivação do profetismo de Joachim de Fiore, a tradição dá-o como integrando o grupo de discípulos daquele que, regressados a Espanha, se instalaram nos montes de Toledo e daí derivaram para a expansão dos conventos Jerónimos peninsulares. Frei Vasco foi certamente um desses pioneiros, e para o caso, apenas isso nos importa agora. É esse o estatuto que Sigüenza lhe dá e era certamente esse o estatuto em que os seus confrades do século XVII o tinham. Mas curiosamente um estatuto e um relevo que, sendo imenso nos textos escritos, quase não passa para a iconografia. De facto esta é a única representação que conhecemos de Fr. Vasco e a própria proximidade absoluta com o texto da Crónica da Ordem de São Jerónimo parece indicar que o pintor não podia dispor de uma tradição visual para a imagem. Mesmo em Portugal, onde as séries das sacristias jerónimas foram quase inteiramente perdidas, não conhecemos registos documentais de ter havido uma pintura de Fr. Vasco. Porquê então em Sevilha e nesta data?

Um dos motivos prende-se obviamente com a força da crónica de Sigüenza publicada entre 1595 e 1605. Ela é, como dissemos, a fonte de todo o ciclo e dá uma considerável importância ao ermita português. Mas deve dizer-se que é também este texto que influencia as outras séries de sacristias jerónimas, como a de Guadalupe, onde a figura de frei Vasco não aparece, havendo sempre uma totalidade de monges espanhóis. Mesmo no caso do convento sevilhano, deve lembrar-se que a cena que influi na definição da representação de Fr. Vasco se passa no convento de Valparaíso de Córdoba, convento onde faleceu Fr. Vasco e no qual talvez, na estreita ligação entre este mosteiro e o de Sevilha, esteja a razão da sua inclusão.

Agradar-nos-ia pensar que o pintor Juan Valdés Leal, filho de um português natural de Torres Novas, pudesse ter tido uma palavra a dizer, ele que longos anos vivera em Córdoba, lembrando o conterrâneo do seu pai de tanta importância para esta cidade; mas em rigor o papel do pintor na definição da iconografia do conjunto não seria por certo decisivo. Resta-nos portanto a dúvida: porquê em Sevilha, em 1657, a única representação do ilustre português fundador dos Jerónimos. Talvez a resposta esteja no contexto histórico em que a série é feita. Sevilha era, antes de 1640, a cidade espanhola com a maior comunidade portuguesa. Já em 1638, foi de Sevilha e com milícias sevilhanas que partiram as tropas do Duque de Medina Sidónia para sufocar as rebeliões de Évora e do Algarve. Em

40 a populosa colónia portuguesa, essencialmente de comerciantes, é quase integralmente repatriada; e mais, com o exército espanhol empenhado nas guerras europeias e da Catalunha, cabe a Sevilha garantir com os seus próprios meios a defesa das fronteiras da Andaluzia o esforço de guerra no Sul de Portugal, o que implicou enormes gastos e recrutamentos voluntários e forçados. Aliás o próprio Valdés Leal aparece em 1665 referindo no “padrão” um longo rol dos vizinhos da cidade capazes de tomar armas para o envio de tropas para Portugal”. Neste contexto militar e político, com a presença constante da guerra com Portugal, a inserção de um santo português, ostentando directa e orgulhosamente o nome de Fr. Vasco de Portugal, entre os jerónimos prestigiados e de representação mais comum talvez fizesse um particular sentido, expressando a vontade de integração de Portugal na história comum ibérica; além disso, a personalidade de Frei Vasco, para quem as fronteiras nunca foram superiores à fé, fundador de conventos num e noutro lado da raia, podia expressar exactamente essa vontade de integração.